



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

VERÔNICA PEREIRA NÓBREGA GOMES

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

PATOS/PB
2019

VERÔNICA PEREIRA NÓBREGA GOMES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Profa. Ma. Nadia Farias dos Santos

**PATOS/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633v Gomes, Veronica Pereira Nobrega.
Variação linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental [manuscrito] / Veronica Pereira Nobrega Gomes. -2019.
23 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Patos , 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Nádia Farias dos Santos , Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."
1. Ensino. 2. Língua portuguesa. 3. Variação linguística. 4. Livro didático. I. Título

21. ed. CDD 410.7

VERÔNICA PEREIRA NÓBREGA GOMES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial para a obtenção do título de
licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em 23 de março de 2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Nadia Farias dos Santos/UEPB (Orientador)

Profa. Ma. Lidiane Rodrigues Campelo/UEPB(Examinador)

Profa. Dra. Janine Vicente Dias/SEC-PB (Examinador)

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Verônica Pereira Nóbrega Gomes¹

veronicarias@bol.com.br

RESUMO: Esta pesquisa apresenta uma abordagem sobre a Sociolinguística, mais precisamente sobre a Variação linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Através da observação, procurou-se analisar e comparar o tratamento que os autores atribuem ao fenômeno da diversidade linguística e como essa abertura é apresentada nos livros em termos de orientação para professor e aluno. Será posta em evidência tanto a ideologia das escolas quanto ao ensino da língua materna e a postura de muitos professores quanto a questão do que é “certo” e “errado” em relação ao tratamento da variação linguística. Ao observar a escola como um meio para educar o indivíduo e o livro didático, o instrumento primordial nessa ação, fez-se necessário a observação desse material para fins de verificação quanto ao respeito às várias maneiras possíveis de uso da linguagem.

Palavras-chaves: Ensino. Língua portuguesa. Variação linguística. Livro didático.

1 LÍNGUA E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS: considerações iniciais

A variação linguística acontece em virtude do uso da língua e a comunicação é seu princípio fundamental. Sabe-se que a língua é dinâmica, muda no decorrer do tempo, não se pode atribuí-la a crença de que é estática.

A língua e a sociedade são duas realidades que se relacionam, por isso, é impossível a existência de uma sem a outra. A língua serve como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura a qual faz parte. Com isso, percebe-se a necessidade dos fundamentos da Sociolinguística em relação ao estudo da língua, uma vez que seu objeto de análise, segundo Alkmim (2003, p.31), “é a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”.

¹ Professora da rede municipal de educação de São Mamede-PB e aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia do PARFOR/UEPB/Câmpus VII.

No Brasil, a Língua Portuguesa não se apresenta como uma entidade única nem homogênea, isso significa dizer que ela é representada por um conjunto de variedades. No plano sincrônico, as variações observadas em uma língua podem ser identificadas em virtude do *status* social, sexo, grau de instrução, idade, profissão, contexto (formal/ informal), região de origem do falante, entre outros. Dessa forma, isso implica em uma reavaliação do mito da “unidade linguística no Brasil” exatamente como adverte Bagno (2005, p.18) “É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade do português no Brasil” e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país [...]”. O reconhecimento dessa heterogeneidade é um grande avanço no que diz respeito à modificação da ideologia do monolinguismo no Brasil, que ainda insiste em uma padronização à língua falada por seus habitantes. Para a Sociolinguística, a diversidade linguística não constitui um problema, e sim uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico.

Os livros didáticos, em sua grande maioria, ainda são de caráter normativo, conservador, e a escola segue essa mesma prescrição que remete à uma realidade longe de ser um espaço democrático, uma vez que o sistema educacional se mostra de forma sistemática e também conservadora. A escola ainda vê o ensino da Língua Portuguesa restrita apenas às regras gramaticais que são transmitidas e ainda intensificadas por alguns professores no sentido de ensinar aos alunos tais normas com a ingenuidade de que os mesmos possam mudar seu repertório linguístico, e assim adquirirem um novo status social. Essa postura tende a mascarar o conhecimento que a criança tem da língua que fala, não levando em consideração que ela já domina sua língua materna.

Conforme Ilari e Basso (2007, p. 230), “qualquer criança normal chega aos 5 anos dominando a sintaxe [...] até ir à escola, a criança aprende sua língua materna de maneira tão natural como desenvolve a dentição ou como aprende a caminhar”. Nesse sentido, cabe aos professores de português a conscientização de que não vão ensinar uma nova língua, nem a língua que a criança já sabe, mas novos usos dessa mesma língua.

Se for levada em consideração a visão tradicional da língua, ou seja, a versão escrita, fatos como “sotaques”, prosódia e outras características tidas como “menores” são simplesmente desconsideradas como parte da língua, porém, elas possuem papéis relevantes na interação verbal.

A propósito, Gnerre (1998, p. 30) afirma que

[...] a educação é parte de um processo que visa produzir cidadãos mais e 'eficientes', [...] abertos para sistemas padronizados de comunicação e prontos para interagir na sociedade. Estas reflexões nos levam para [...] um nível mais sutil de discriminação linguística [...] derivado da ideia de língua como geralmente aceita.

A escola, ao assumir o papel de formadora de cidadãos “eficientes” e que atenda às necessidades do mundo moderno, e conseqüentemente, de uma sociedade capitalista dominante, impõe a seus falantes a norma culta da língua como meio de aquisição principal de linguagem, tentando erradicar tudo o que se considera como “mau uso da língua”, não percebendo que dessa forma é uma das maiores agentes disseminadoras do preconceito linguístico, além de enfatizar assim a estrutura de poder da classe dominante sobre as demais classes sociais. Segundo Monteiro (2000, p.145), “essa atitude, por incrível que pareça, ainda seduz a mentalidade de muitas pessoas”.

1.1 O Estágio Supervisionado como campo de pesquisa

Durante os Estágios Supervisionados em Educação Infantil e Ensino Fundamental - Anos Iniciais pode-se perceber certa necessidade de se trabalhar a variação linguística com os alunos, principalmente, os de anos iniciais de Ensino Fundamental. Via-se manifestações de desrespeito por parte de alguns alunos no momento do discurso de outros colegas que residiam na zona rural, uma vez que pronunciavam alguns vocábulos próprios do seu meio, que não estavam de acordo com a modalidade culta. Ouvia-se também a correção da própria fala de outros funcionários do ambiente escolar.

Diante disso, fez-se necessária a pesquisa intitulada “**Varição linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**”, cujo objetivo é analisar e comparar o tratamento que os autores atribuem ao fenômeno da diversidade linguística e como essa abertura é apresentada nos livros didáticos em termos de orientação para professor e aluno. De modo mais específico, identificar, em livros didáticos, como se dá o tratamento à variação linguística, além de observar como os autores exploram as atividades relacionadas a essa diversidade.

O tipo de situação descrita anteriormente deve ser evitada a partir do momento que se é apresentada para a criança que a variação linguística é de caráter universal e se processa de forma contínua no decorrer do tempo, não acontece aleatoriamente, e sim sistematicamente por meio de uma organização correlacionada a fatores sociais. E está no professor a incumbência de tal responsabilidade para que esse tipo de preconceito linguístico não seja perpetuado nem possa constranger aquele sujeito que não domina a linguagem padrão. Logo, é bom frisar que assim como não há línguas inferiores, também não existem variedades linguísticas desvalorizadas.

A realidade observada e os conteúdos priorizados no desenvolvimento dos Estágios dizem respeito às questões vinculadas ao meio social dos alunos, assim como suas ideologias e comportamentos, uma vez que fazem parte de uma sociedade que vive em situação de vulnerabilidade, além de ter alguns alunos residentes na zona rural e que ambos fatores influenciam em sua maneira de falar que surgiu a necessidade da realização do presente artigo.

A propósito, Alkmim (2003, p.33) afirma que “todas as línguas do mundo são sempre continuidades históricas. [...] as gerações sucessivas de indivíduos legam a seus descendentes o domínio de uma língua particular. As mudanças temporais são partes da história das línguas.” Então, percebe-se que a língua vive em contínuo processo de modificação, e que essa mudança linguística está ligada diretamente à evolução da própria sociedade.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A Sociolinguística é a área da Linguística que surgiu em 1964 em Los Angeles com foco de investigação entre linguagem e sociedade tendo em vista o modo como usamos a linguagem em diferentes situações sociais, isto é, variação linguística. De maneira simples e direta a Sociolinguística ocupa-se do estudo da língua falada, observada e analisada perante o contexto social, isto é, as situações reais de uso.

A Linguística procura examinar a língua de forma independente, ou seja, livre de preconceitos tantos sociais quanto culturais. Pode-se dizer que a variação

linguística é resultado da vivência social dos sujeitos, sendo a comunicação dependente do meio em que ela vive. Vendo a linguagem como algo que abrange todo contexto em relação à evolução do ser, é notório que seja a representação e também a diferenciação de povos. Segundo Bentes e Mussalim (2005, p. 60) “Um mesmo indivíduo pode alterar entre diferentes formas linguísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam interação verbal, incluindo-se o contexto social [...] o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc”. Assim, é pertinente destacar que as variações linguísticas estão relacionadas a vários traços históricos, sociais, culturais e geográficos.

Bagno (2002) nos lembra que:

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 134).

Segundo o autor, a escola precisa ser de fato, um espaço democrático com maior número de manifestações linguísticas apresentadas no vasto número de gêneros textuais e de variedades de língua, sejam elas: orais, escritas, formais, informais, cultas, não – cultas, rurais, urbanas, entre outras. Dessa forma, a escola está aberta a todos os gêneros, nos quais a língua pode ser concretizada.

As diferenças sociolinguísticas não podem ser ignoradas na escola e nem substituídas. Pelo contrário, as peculiaridades linguístico-culturais apresentadas pelos alunos devem ser respeitadas, e além disso, é preciso que seja dada a oportunidade ao aluno de aprender as variantes de prestígio deixando evidente o fato de que a língua ser um dos bens culturais da humanidade e, que não há uma superior a outra, porém o que deve ser evidenciado, é justamente, uso de acordo com as circunstâncias postas ao falante.

Infelizmente, ainda nos dias atuais, algumas escolas continuam sendo mera reprodutora de saberes apriorísticos, quase sempre desvinculados da realidade dos educandos, insistem em ensinar apenas a variedade tida como padrão, como sendo a mais correta, no caso, a norma culta. Essa visão formal da língua dissociada da

prática é exteriorizada para o aluno através da disciplina de Língua Portuguesa quando são repassados conteúdos restritos a gramática normativa. É pertinente o comentário de Orlandi (1986, p. 24) quando diz que “a língua é um sistema abstrato, um fato social, geral, virtual; a fala, ao contrário, é a realização concreta da língua pelo sujeito falante, sendo circunstancial e variável.” O repertório linguístico do aluno está atrelado aos vários fatores externos e, como sabemos que a sala de aula é heterogênea, o professor deverá estar ciente de que ali pode encontrar as mais variadas formas de expressão em relação ao uso da fala, entretanto o contexto social do educando deve ser considerado como um fator relevante em sala de aula, isto é o meio social o qual está inserido.

A criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais significou um grande avanço na concepção de ensino de língua nas escolas brasileiras por introduzirem na prática docente conceitos provenientes da Sociolinguística, até então pouco comuns nas discussões e propostas pedagógicas. Vejamos no trecho abaixo, destacado por Bagno (2007) a importância dada a esses conceitos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (1ª a 4ª), publicado em (BRASIL,1997, p. 26) trazem

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico.

A escola precisa trabalhar o respeito às diferenças em relação aos falares dialetais que são suscetíveis à preconceitos, desmistificando certos mitos para que o aluno não se sinta alheio ao próprio uso da sua língua materna.

2.2 Importância do livro didático

Existia a necessidade de ser preservada a história e os feitos da humanidade, e o homem, por muitos séculos procurava de alguma forma deixá-los registrados com o intuito de passar os conhecimentos de geração em geração. Para evolução da humanidade é importante que os povos conheçam as ideologias dos seus antepassados. Para se chegar ao livro que temos hoje, houve um longo processo de inovações e adaptações. Na antiguidade, o homem usava pedras e tábuas de argila para gravar os conhecimentos, depois surgiram os khartés, que eram folhas de pepino em forma de cilindros e, para substituí-los, vem o pergaminho que tinha como composição peles de animais. Porém, essa evolução quanto ao surgimento do livro não parou por aí, tivemos o chamado Codex sendo o modelo de maior semelhança com o livro atual, era escrito em ambos os lados e as folhas eram dobradas e amarradas protegidas por uma capa. Mas, na década de 1450, o alemão Gutemberg revolucionou a história da produção de livros quando inventa a prensa e os livros passarão a serem impressos e não mais manuscritos. Diz-se que a primeira obra impressa pelo alemão foi a Bíblia. Vale ressaltar que foi o primeiro livro a chegar nas terras brasileiras, trazido pelos colonizadores.

O Brasil só pôde fazer livros a partir de 1808 com a chegada da família Real portuguesa quando trouxe uma máquina impressora, até então, era crime possuir uma tipografia no país, de acordo com Oliveira et al (1997, p. 26)

Somente por volta de 1847, os livros didáticos passaram a assumir um papel de grande importância na aprendizagem e na política educacional. Os primeiros livros didáticos, escritos sobretudo para os alunos das escolas de elite, procuram complementar os ensinamentos não disponíveis nos Livros Sagrados.

Em 1929, no Brasil, surge o Instituto Nacional do Livro (INL) criado para apoiar a produção e legitimar o livro didático nacional. Entretanto, nada evoluiu e, somente, no governo de Getúlio Vargas, em 1934, o número de bibliotecas públicas

foram aumentadas e elaborado um dicionário nacional e uma enciclopédia. Ainda no governo de Vargas, em 1938, foi criado um decreto-lei para fiscalizar a elaboração do livro didático, assim era uma forma do governo está informado sobre os assuntos que seriam vinculados nas escolas. Até o ano de 1996 os governos experimentaram várias maneiras de ampliação do livro didático, porém em 1997 com a transferência do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) foi que aconteceu uma produção e distribuição efetiva e continua de livros didáticos nas escolas. É interessante frisar que, de acordo com a demanda do mercado, a produção de livros passou de artesanais para industriais por volta da década de 60 aos anos 90.

Entende-se que o livro didático é de extrema importância não só no ambiente escolar, mas na vida das pessoas e no desenvolvimento das sociedades. Segundo Bezerra e Luca (2006, p. 37) deve ser visto como “Elemento importante na construção do saber e do processo educacional, espera-se que contribua para o aprimoramento da ética, imprescindível ao convívio social e construção da cidadania [...]”, sabe-se que é através do mesmo que vinculam as ideias, valores, crenças e cultura. É um instrumento de apoio para o professor e aluno em sala de aula, uma vez que oferece suporte para aquisição de conhecimentos e, conseqüentemente, influencia na formação do cidadão.

Vale lembrar que o professor não pode ver o livro didático como única forma de conhecimento e pesquisa para enriquecimento de sua aula, limitando o aluno a outras inúmeras formas de buscar novos conhecimentos. Deve ser visto como um referencial, e não como um texto exclusivo, podendo ser utilizado de acordo com suas reais possibilidades pedagógicas.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

Estudar e compreender melhor o processo de ensino e aprendizagem é indispensável na formação do pedagogo, pois para ser um educador é preciso criar condições nas quais o sujeito possa ter conhecimento nos campos filosófico, científico e técnico para o tipo de ação que irá desenvolver. Para tanto, serão necessários não só aprendizagens cognitivas sobre as diversas áreas do

conhecimento que auxiliem na desenvoltura de seu papel, mas especialmente, o desenvolvimento de uma atitude, dialeticamente crítica, sobre o mundo e sua prática.

Por esse motivo, o Estágio faz parte do processo de formação acadêmica do docente e funciona como uma espécie de laboratório, quando através do contato com o ambiente escolar, passe-se a investigar na prática questionamentos sobre algumas teorias vista na academia, ou até mesmo, algumas situações inquietantes detectadas no período de estágio. Esse pensamento ainda é reforçado quando Pimenta afirma que o Estágio fará com que os professores (2004, p. 43) “[...] compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional.”

Esse trabalho desenvolveu-se por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica a partir da vivência dos Estágios Supervisionados, requisitos para a formação do docente. Sendo os mesmos compostos por períodos de observação e intervenção. A propósito, diante da necessidade apresentada pelos alunos e o trabalho desenvolvido no período de intervenção foi escolhido como corpus para pesquisa **“Variação linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa nos Anos iniciais do Ensino Fundamental”**, para qual foram analisados os livros: Campo Aberto de Mendonça et al da editora Global e Akpalô de Venantte e Lima da Editora do Brasil, ambos livros adotados para o quinto ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Vale ressaltar que os livros citados já foram usados em sala de aula e, hoje, se encontram na biblioteca da escola, sendo utilizados como suporte pedagógico para fins de pesquisa.

Vale ressaltar que as variedades linguísticas postas nos livros didáticos não podem ser trabalhadas como forma de correção da Língua e, sim, como uma possibilidade de uso referente ao contexto explorado. Após o corpus escolhido foram realizadas leituras, análise de livros didáticos e fichamentos de textos teóricos e críticos de autores como Alkmin (2003), Bagno (2007), Gnerre (1998), Ilari (2007), Oliveira (1997), Monteiro (2003), entre outros.

Essa pesquisa apresenta concepções de diferentes teóricos sobre o tema em discussão, haja vista que para o desenvolvimento de qualquer trabalho de natureza científica é necessário uma reflexão crítica fundamentada em diferentes estudiosos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da convicção da dinamicidade da língua, o livro didático merece destaque como sendo um dos possíveis instrumentos de renovação e ampliação de novas perspectivas de ensino. Ao observar livros didáticos de vinte anos atrás, nota-se que os livros de hoje obtiveram uma grande mudança em relação ao desenvolvimento dos conteúdos. Transpondo isso para o ensino de Língua Portuguesa, e para a questão da variação linguística, cabe ressaltar duas situações observadas com relação à prática em sala de aula: 1. a variação linguística é empregada de forma secundária; 2. a variação linguística é apresentada de modo insuficiente e até mesmo superficial ou distorcida. Para Ilari (1997, p. 105)

Muitos livros didáticos recentes reproduzem textos que utilizam modalidades linguísticas informais, como a gíria e a linguagem familiar; tematizam questões de semiologia e teoria da comunicação [...]. Mas é fácil perceber que essas diferenças são na maioria das vezes o resultado de uma concessão à moda, o que é prontamente confirmado pelo fato de que o objetivo principal continua sendo o ensino da nomenclatura gramatical.

Assim, isso demonstra que o tratamento dado à variação linguística no livro didático constitui um problema, pois muitos autores apresentam a variação como pretexto para enfatizar o “certo” e o “errado” na língua de acordo com as normas gramaticais. Outro problema situa-se na metodologia aplicada pelas escolas, de modo que na prática não esquematizam um plano voltado para enriquecer sistematicamente a competência linguística do aluno. O que se tem é uma preocupação em desenvolver no aluno outra competência que, supostamente, é coincidente com a competência linguística das classes sociais mais elevadas. Dessa forma, alimenta-se ainda mais o objetivo preconceituoso do ensino de Língua Portuguesa que consta da correção gramatical em virtude de um bom uso da língua.

Esse prestígio quanto a uma determinada variedade, no caso a norma culta, implica em preconceito mediante as demais variedades as quais os alunos já fazem uso em seu dia-a-dia. A respeito disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2001, p.82) concluem que “o estudo da variação cumpre um papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da

competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa”.

Tendo em vista a abordagem da variação linguística pelos livros didáticos de português, foram selecionados para análise dois livros didáticos de autores diferentes, sendo eles: Coleção Campo Aberto: Língua Portuguesa, História e Geografia, de Márcia Rodrigues de Souza Mendonça et. Al. e Akpalô: Língua Portuguesa, de Lenita Venantte e Alexandre Ribeiro de Lima, ambos indicados para o 5º ano do Ensino Fundamental Ano Iniciais, com o intuito de verificar o tratamento e as contribuições da linguística contemporânea no que diz respeito aos métodos mais eficazes para o ensino de Língua Portuguesa.

O livro didático “Akpalô” e Venantte e Lima (2017, p. 128), traz como exemplo de variação linguística a seguinte tirinha:



Fonte: VENANTTE, Lenita; LIMA, Alexandre Ribeiro de. **Akpalô**: Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2017

Através da tirinha, é possível observar na fala do papagaio uma reprodução de uma determinada variedade linguística de pessoas não-escolarizadas, e que provavelmente o autor da tira a tenha usado para mostrar a questão das variedades existentes na Língua Portuguesa, só que isso não acontece com os autores dos livros didáticos em questão. Pode-se observar que o principal objetivo do livro foi a exposição de uma determinada variedade com fins de enfatizar, muitas vezes, a questão do “erro” quanto ao discurso linguístico apresentado por um falante em detrimento à norma culta. A situação descrita pode ser comprovada em questões de exercícios, quando se propõe uma atividade de reescrita da fala da personagem, sugerindo a transcrição para a norma culta. Essa prática de correção não faz nenhum sentido se for levada em consideração a intenção de mostrar outras variedades do Português.

Após a apresentação da tirinha, os autores propõem um exercício de nove questões (VENANTTE e LIMA, 2017, P. 128). Na primeira questão, encontram-se as seguintes propostas:

- a) No primeiro quadrinho, a personagem afirma que o papagaio fala tudo errado. Você concorda com ela? Por quê?
- b) No último quadrinho, é possível concluir o motivo de o papagaio falar daquele jeito? Justifique sua resposta.
- c) A mulher decidiu devolver o papagaio. Qual foi o motivo?
- d) Identifique e circule as palavras que estão diferentes da forma registrada no dicionário.
- e) Reescreva as frases empregando as palavras como estão no dicionário. Lembre-se de usar o travessão, para indicar que é um diálogo.

Na alternativa **a**, de acordo com o primeiro quadrinho, uma das personagens (a mulher) afirma que o papagaio fala tudo errado, considerando assim, que o uso da linguagem não-padrão empregada pelo mesmo implicaria um erro, porém ainda na mesma questão, os autores dirigem-se aos leitores perguntando se concordam com a afirmação da personagem, e por quê? Dependendo do conhecimento do professor em relação à variação linguística e da maneira como é trabalhada a questão no livro didático, o aluno pode ou não ter conhecimento das características específicas referentes à linguagem oral e escrita, valorizando-as e reconhecendo que ambas possuem aspectos peculiares que as distinguem, porém não há uma superior a outra.

A alternativa **b** enfatiza a questão da influência do meio social em termos de aquisição de linguagem quando mostra a fala do vendedor “argum pobrema?,” justificando assim, o motivo da linguagem do papagaio. Na alternativa **c**, nota-se que há uma discriminação linguística por parte da personagem quando devolve o papagaio, tendo em vista que o motivo crucial é justamente a maneira de pronunciar os vocábulos. E nas alternativas **d** e **e** observam-se uma questão ainda mais agravante, do ponto de vista linguístico, quando os autores usam o dicionário como referência para se apontar palavras que estão diferentes das que compreendem o mesmo, e como não bastasse ainda, pedem que as reescrevam de acordo com o dicionário.

Entende-se que a questão de variedade linguística apresentada no livro didático funciona propositalmente com o intuito de afirmar que só existe uma maneira correta para se comunicar dentro da língua portuguesa que é a norma culta.

O certo seria tentar corrigir essa marca da oralidade, mas mostrar para o aluno que ele pode até pronunciar as palavras *bicicreta, cocrente, cardeneta, argum e pobrema*, mas que deve escrever *bicicleta, croquete, caderneta, algum e problema*, uma vez que é necessária uma única ortografia a fim de que todos possam ler e compreender o que está escrito, tornando melhor a comunicação.

Cabe ressaltar que a língua escrita é diferente da língua falada. A primeira é considerada artificial, requer treinamento e memorização, é regida por regras preestabelecidas. Enquanto a segunda ocorre de maneira espontânea, sendo capaz de comover e sensibilizar, isso por causa das inflexões e tons de voz que só são observados no ato da fala.

É importante que o professor explique para o aluno a concepção dos gramáticos, quando ignoram os fenômenos da língua oral priorizando a língua literária de séculos passados como sendo a única maneira de falar e escrever corretamente, além de considerá-la a única digna de ser estudada e ensinada.

De acordo com Bagno (2007, p.123)

A atividade que manda “passar para a norma culta” acaba se revelando, no fundo,[...] preconceituosa. Porque, [...] quando se pede a reescrita “segundo a norma culta,” essa diferença é transformada em deficiência, em algo que pode e deve ser “corrigido”, e as formas consagradas pela gramática normativa é que terminam sendo enfatizadas como as que “valem” de verdade.

É bom lembrar que o motivo da linguagem não-padrão ser considerada diferente, não implica dizer que é deficiente. A questão da inferioridade da linguagem das classes menos favorecidas em relação às classes dominantes é originada de uma situação político-social. Portanto, cria-se a ideia de que a norma culta deve ser adquirida durante a vida escolar, cujo domínio é cobrado pela sociedade de maior poder aquisitivo até mesmo como *status* social, revelando assim, o idioma como um dos possíveis motivos da desigualdade e discriminação social.

Em relação à norma culta, os chamados “erros” de português apontados por muitos gramáticos, constituem na verdade variações, ou seja, esses “erros” são de fato, o desvio da ortografia oficial. Naturalmente, pessoas que não seguem a norma culta, em termos de fala, não são necessariamente pessoas desleixadas quanto ao

uso da linguagem. Esses desvios, geralmente, seguem uma lógica que podem até ser considerados equivocados, porém são sempre lógicos. Ilari e Basso (2007, p.241) afirmam “[...] que há um abismo entre a língua e sua representação pelas gramáticas de tipo tradicional; essas gramáticas [...] referem-se à mesma pauta de problemas; por definições, não têm nada a dizer sobre vários aspectos e várias funções essenciais da língua [...]”

Fazendo uma relação comparativa quanto ao tratamento da variação linguística nos livros didáticos já citados, destaca-se ainda Campo Aberto de Mendonça et al (2014), nele é possível observar que na tira da “turma do xaxado” é trabalhado o lúdico e a interpretação textual de forma elementar, quando traz as seguintes questões: “O que os personagens estão fazendo? (2014, p.120); Você achou a tira engraçada? (2014, p.121). Todavia, a variação linguística, que é o foco principal da atividade didática é exposta ainda com finalidade de enfatizar o “certo” e o “errado” de acordo com as regras gramaticais, sendo apresentada de forma muito superficial para o aluno.

Veja a tira:



Fonte: MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza et al. **Campo Aberto**: Língua Portuguesa, História e Geografia. 2. ed. São Paulo: Global, 2014.

Após a apresentação da tira, (2014, p.120), é proposto aos alunos como exercício sobre variação linguística a seguinte questão:

1. Compare as diferentes formas de escrever as palavras destacadas a seguir, (2014, p. 122 a 123).
 - a) “Mas num dissero que era pra dá o pontapé iniciá?”
 - b) “Mas não disseram que era pra dar o pontapé inicial?”

Você conhece sotaques e modos de falar do Nordeste brasileiro? Se sim, responda: qual das formas de escrita se parece mais com o falar do personagem Zé Pequeno, um garoto do interior do Nordeste?

Será que esse modo de falar só está presente no falar nordestino? Converse com seus colegas. (2014, p.123)

Pode-se observar que os autores usaram a tira não para enfatizar a questão da positividade das variedades regionais em si, entretanto, as utilizaram de forma preconceituosa ridicularizando a maneira como a personagem Zé Pequeno pronunciava os vocábulos. Além disso, discrimina os falantes de uma determinada região quando diz que Zé Pequeno é “um garoto do interior do Nordeste” dando a entender que todos os falantes dessa região assumem tal postura. Linguisticamente falando, esse tipo de questão só amplia o preconceito em relação ao dialeto falado por algumas pessoas da região Nordeste, reduzindo ainda o repertório linguístico a meras palavras ou expressões. O que se deve explicitar ao aluno é o fato de que cada região do país tem um conjunto mais ou menos homogêneo de peculiaridades fonéticas, um sotaque próprio que caracteriza o falante nativo, e que mesmo estando em outra região, esse sotaque se faz presente em sua maneira de falar.

Na tira, a variação é posta em evidência como apenas uma das possíveis modalidades do uso da linguagem, como é o caso da variedade regional, quando reproduz marcas de uma oralidade que caracteriza esse modo de falar. Nota-se, que é feita uma comparação entre a linguagem “coloquial” e “cult”, esse tipo de questão está distante de uma abordagem mais significativa, pois se limita apenas à variedade rural e/ou regional. É possível notar, nesta questão, a falta de preocupação com a reeducação sociolinguística, pois ela permite ao aluno a possibilidade de ampliar o repertório linguístico, expandir sua competência comunicativa, de modo que tome conhecimento das regras gramaticais que não faça parte de sua variedade. Sobretudo aquelas que lhe dê subsídios para produção de textos escritos em diferentes gêneros e de usar a língua falada em ocasiões diversas, inclusive em situações públicas e formais. Mas para que esse aluno tenha consciência dessa reeducação sociolinguística, Bagno (2007, p.84) sugere que é preciso que os educadores assumam as seguintes posturas:

- Fazer o/a aluno/a reconhecer que é possuidor/a de plenas capacidades de expressão, de comunicação, isto é, possuidor/a de uma língua plena e funcional, de um instrumento eficaz de interação social e de autoconhecimento individual__ em outras palavras, promover a auto-estima lingüística dos alunos e das alunas, dizer-lhes que **eles sabem português** e que a escola vai ajudar a **desenvolver** ainda mais esse saber;
- Levar o/a aluno/a a tomar consciência da **escala de valores** que existe na sociedade com relação aos usos da língua: algumas variedades lingüísticas são consideradas mais “bonitas” e “certas” que outras; alguns sotaques são valorizados, outros são ridicularizados; os usos escritos são mais prestigiados que os usos orais etc. __mas atenção: **tomar consciência não significa aceitar essa situação de discriminação nem submeter-se a ela!**
- Garantir o acesso dos alunos e das alunas a **outras formas de falar e de escrever**, isto é, permitir que aprendam e apreendam variantes lingüísticas diferentes das que eles/elas já dominam__ isso significa ampliar o repertório comunicativo, ter à sua disposição um número maior de opções, que poderão ser empregadas de acordo com as necessidades de interação.
- Promover o reconhecimento da **diversidade lingüística** como uma riqueza de nossa cultura, da nossa sociedade, ao lado de outras diversidades culturais e até mesmo da biodiversidade natural__ muitos estudiosos falam de uma **ecologia lingüística**, em que a diversidade das línguas e das variedades lingüísticas deve ser valorizada e preservada como bem inestimável da espécie humana.

É incontestável que para que o professor possibilite aos alunos essa reeducação sociolingüística, é preciso submetê-lo a um processo de estudo em que ocorra a discussão de outros conceitos sobre a língua que implique em novas perspectivas de ensino.

O maior problema visto nos livros didáticos supracitados diz respeito ao estudo proposto em relação às variedades linguísticas, pois as tratam como algo defeituoso, visto que a correção gramatical é colocada em ênfase em nome de um bom uso da linguagem, perpetuando assim o preconceito lingüístico. Para Bagno (2007, p.132), “é muito freqüente, nos livros didáticos, a abordagem da variação lingüística se restringir a fenômenos que poderíamos chamar de superficial: o sotaque e léxico [...]”

Esse comentário é bem pertinente, pois chama a atenção para o cuidado que se deve ter ao escolher um determinado livro didático. Muitos enfatizam o aspecto da mudança linguística, mas quase nunca avançam no sentido de esclarecer que a mudança não parou, que a língua é hoje diferente da de um século atrás, e que a do futuro será também diferente da de hoje. Seria interessante se os livros pudessem mostrar essa evolução através de textos que apresentem essas mudanças, tratando

a variação linguística com respeito, isto é, como fato social e cultural, mostrando o reconhecimento do dinamismo que a língua apresenta por natureza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber as variedades como um fenômeno que faz parte da existência da língua é relevante no tocante ao processo mutável que a língua se caracteriza. Nesse caso, fez-se necessário uma abordagem sobre a variação linguística presente em livros didáticos de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para se observar como essa variação era tratada principalmente nos exercícios. A partir dessa análise, detectou-se que a questão da variação ainda é mal interpretada por alguns autores, empregando-a de forma inadequada. Dessa forma, contribuem para a perpetuação do preconceito linguístico, uma vez que valorizam a linguagem culta como a única maneira de expressão devidamente correta, desvalorizando as demais.

Outro problema recorrente é visto com relação à escola, pois parece que ainda não se deu conta da heterogeneidade que constitui o ambiente escolar, quando impõe a todos os alunos uma única variedade do português (a língua culta) e esquece que ali estão indivíduos dos mais diversos grupos sociais e culturais. É notório e relevante enfatizar a escolha do livro didático como sendo um momento de responsabilidade das instituições de ensino, tendo em vista sua importância no processo de ensino e aprendizagem e na formação do cidadão.

O professor como agente facilitador da aprendizagem tem um papel fundamental na vida do aluno e na formulação de conceitos. Mesmo que o livro didático apresente a variação linguística de forma deficiente, cabe ao professor avaliar a aplicabilidade destes exercícios, formulando as suas próprias atividades.

Portanto, é preciso que seja revisto não só os conceitos de variação linguística presentes nos livros didáticos, como também a ideologia dos professores e escolas quanto o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que pessoas que nunca frequentaram à escola não dominam a norma culta e, nem por isso, devem ser discriminadas por usarem uma variedade não-padrão.

Abstract: This research presents an approach on the Sociolinguistics, more precisely about the linguistic variation in the text books of Portuguese Language of the Fundamental Teaching- start year. Through the observation, it tried to analyze and compare the treatment that the authors attribute to the phenomenon of the linguistic diversity and as that opening it is presented in the books in orientation terms for teacher and student. It will be put in evidence as much the ideology of the schools as for the teaching of the maternal language and the many teachers' posture as for the subject of what is "right" and "wrong" in relation to the treatment of the linguistic variation. Taking in consideration the school as a manner to educate the individual, and the text book, the primordial instrument in that action, it was made necessary the observation of that material for verification in relation to the several possible ways of use of the language.

Keywords: Teaching. Portuguese language. Linguistic variation. Text book.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. IN: MUSSALIM; BENTES, (orgs). **Introdução à sociolinguística: domínios e fronteiras.** São Paulo: Cortez, 2003. (v.1).

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico:** o que como se faz. 38. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BENTES, Anna; MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** V.1, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, Holien Gonçalves; LUCA, Tânia Regina de. Em busca da Qualidade PNLD – história – 1996 - 2004. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org). **Livros Didáticos de História e Geografia. Avaliação e Pesquisa.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Língua Portuguesa: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. MEC/SEF. 2001

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2007.

ILARI, Rodolfo. **A linguística e o ensino da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza et al. **Campo Aberto**: Língua Portuguesa, História e Geografia. 2. ed. São Paulo: Global, 2014.

MONTEIRO, José Lemos. As diferenças dialetais e o ensino. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, João Batista Araújo et al. **A política do Livro didático**. Campinas: UNICAMP, 1984.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VENANTTE, Lenita; LIMA, Alexandre Ribeiro de. **Akpalô**: Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2017